

A ALMA DO MUNDO ESTÁ DOENTE

Lidia Aratangy

Cidade e alma, James Hillman

Trad. Gustavo Barcellos e Lucia Rosenberg, São Paulo, Studio Nobel, 1993, 174pp.

James Hillman é um psicanalista à moda antiga. Sua cultura humanista só se compara à dos pioneiros da psicanálise. Seus textos nos fazem viajar por todo o acervo cultural da humanidade, dos gregos a Map-plethorpe, com a mesma sensação de intimidade. Mais do que um douto, James Hillman é um sábio.

Este livro é uma exceção e uma raridade. Não é uma simples tradução de obra publicada em inglês, mas uma coletânea de textos e artigos esparsos, organizados pelos tradutores. Portanto, embora cada capítulo já tenha sido divulgado, sob a forma de artigo ou conferência, sua reunião na configuração atual é inédita. A mensagem básica que caracteriza os textos é, ao mesmo tempo, simples e original: a alma do mundo está doente e sua salvação depende de uma volta à beleza das coisas simples e cotidianas. Ingênuo? Nem tanto, em se tratando deste autor.

Muitos de nós, terapeutas, temos percebido uma espécie de inversão na direção de nosso trabalho clínico. Nossa tarefa, a maior parte do tempo, consistia em levar o paciente a reconhecer que sua percepção da realidade era continuamente afetada pelo colorido de seu mundo interno: a tristeza não estava no cinzento do dia, a alegria não

tinha a ver com a chegada da primavera, e assim por diante. De uns tempos para cá, tem acontecido o oposto: a sensação de insegurança que muitos pacientes relatam tem a ver, sim, com a ameaça real de desemprego; a sensação de estar sendo roubado passa, sem dúvida, pela realidade da inflação, que literalmente rouba todo mês uma parte dos salários; e o medo de caminhar pelas ruas não deriva simplesmente da projeção de sentimentos internos de ódio e destruição, mas está ligado ao perigo real de ser assaltado e levar um tiro. Não há dúvida: o homem é um animal político; portanto, a cidade está presente na alma do paciente e assim adentra nossos consultórios. A proposta de Hillman é que sejamos capazes de acolhê-la, ao invés de expulsá-la escudando-nos em interpretações convencionais e congeladas.

Suas colocações são intrigantes e inesperadas, abrangendo questões que vão desde os problemas de trânsito até a violência dos estádios de futebol. Ele sugere, por exemplo, que a violência, dado seu caráter primário e essencial, não poderia ser contida pela repressão (que gera mais violência), mas por uma ritualização do impulso, colocando-o a serviço da beleza.

A guerra, o dinheiro, as doenças da terapia são exemplos de temas que percorrem

os treze capítulos do livro e recebem um tratamento original e corajoso. A ousadia com que Hillman lida com essas questões sugere que seu compromisso não é necessariamente com a coerência, mas com a vida. Como se poderia afirmar de um mito: o que importa não é que seja real, mas que seja verdadeiro.

O trabalho da tradução merece uma menção à parte. Estamos diante de uma tradução amorosa. Desse afeto entre autor e tradutores – talvez a única garantia de fidelidade de uma tradução – dá testemunho

a foto que ilustra a orelha do livro. As elaboradas construções e o sofisticado vocabulário do original encontram seu equivalente em português, sem exhibições de erudição, mas conseguindo refletir a ampla e refinada cultura do autor. Neste contexto, são facilmente perdoáveis (mas dificilmente explicáveis) os pequenos deslizes de regência, dos quais a revisão poderia ter cuidado.

Lidia Aratagy é psicóloga, escritora e terapeuta de casais e família.

ALTHUSSER – UMA BIOGRAFIA DO INVISÍVEL

Marian A. L. Dias Ferrari

O futuro dura muito tempo, seguido de *Os fatos*, Louis Althusser. Trad. Rosa Freire d'Águilar. São Paulo, Cia. das Letras, 1992, 315pp. (Autobiografias)

Os franceses costumam cultuar seus intelectuais como verdadeiros monumentos nacionais. Louis Althusser, em certa medida não fugiu à regra. Apenas em certa medida, pois após o trágico episódio da morte de sua mulher, Hélène, sua vida pessoal e o culto às suas idéias sofreram um sério abalo. Em *O futuro dura muito tempo* – a primeira publicação póstuma de uma série de inéditos que François Boddart, seu sobrinho, pretende editar –, Althusser discorre sobre a transição sofrida entre a vida pública, o isolamento após o assassinato de Hélène e a imprecisão à qual foi submetido

pelas leis francesas. Mas não é só, e tudo não é tão simples assim. O autor pretende inicialmente explicar as razões pelas quais cometeu o assassinato, buscando “acalmar uma inquietação arriscando-se a outras, indefinidamente”, narrando a cena tal como ele a viu e se propondo a narrar os fatos de sua vida – mais do que isso, a sua memória afetiva dos fatos, nos quais ele se reconhece e se torna Louis Althusser, filósofo, assassino, enfim, um “caraparte”.

A intenção de Althusser é a de libertar-se da condição de ‘impronunciável’ e, no capítulo II, ele faz uma bela análise da